EDITORIAL

Doenças Infecciosas

Um desafio permanentemente renovado



Prof. Meliço-Silvestre
Director da RPDI e Presidente da SPDI

As Doenças Infecciosas, num impulso de destruição no confronto com o Homem, colocam-nos dilemas impensáveis desde há séculos infindos.

A Globalização é já hoje uma realidade com os seus contrastes e contradições, e o lugar onde hoje pontualmente me encontro, numa localização em pleno continente Americano, ligeiros 5 graus abaixo do Equador, é disso uma evidente realidade e reflecte-se naturalmente no pensamento transcrito em editorial.

A Globalização é já hoje uma realidade com os seus contrastes e contradições

E relembro as descobertas, no "achamento" do Brasil onde me encontro, e a guerra biológica da varíola que dizimou milhares de índios sul-americanos, num processo macabro, que antecipou em séculos as guerras biológicas de hoje.

Do anthrax à varíola, supostamente extinta, mas que renasceu das cinzas como ameaça cataclísmica, muito em particular sobre os jovens não imunizados, impreparados imunológicamente para qualquer defesa, num cenário de possível repetição da história dos índios americanos, que ao confiarem nos conquistadores espanhóis e nos "aconchegantes" cobertores contaminados com o vírus da varíola por eles oferecidos, se deixaram dizimar.

E, falando do equador, reflicto sobre as condições propícias ao paludismo que um dia me marcou, na forma brutal da "black fever", nas paradisíacas ilhas da República de S. Tomé e Príncipe, num meu primeiro contacto com África. Malária, o maior carrasco do homem a nível planetário e que em Portugal foi possível debelar como resultado de programas bem estruturados e eficazes, nos vestígios lançados para a história dos Centros Anti-palúdicos de Águas de Moura ou de Montemor-o-Velho. Mas malária que ainda espreita por um regresso ao nosso País, muito pelo desconcerto da actuação do homem, responsável pelo aquecimento global do planeta Terra, ultrapassando Kyoto e os acordos internacionais estabelecidos.

Malária, o maior carrasco do homem a nível planetário e que em Portugal foi possível debelar como resultado de programas bem estruturados e eficazes, nos vestígios lançados para a história dos Centros Anti-palúdicos de Águas de Moura ou de Montemor-o-Velho

EDITORIAL

É a malária, a tuberculose e a Sida, hoje a grande preocupação mundial dos nossos mais altos dirigentes

É a malária, a tuberculose e a Sida, hoje a grande preocupação mundial dos nossos mais altos dirigentes.

Sida que alastra, numa crescente preocupação, num imenso desafio, na força da pandemia, na marca da discriminação, só alguma vez sentida, no opróbrio da lepra.

Doenças infecciosas na repetição da história de milénios, nos equilíbrios/desequilíbrios que, em si próprias têm a capacidade de gerar novas mutações

Doenças infecciosas na repetição da história de milénios, nos equilíbrios/desequilíbrios que, em si próprias têm a capacidade de gerar novas mutações, potenciais inícios de outros ciclos, tantas e tantas vezes muito mais patogénicos e letais.

São, a título de exemplo local e actual, os casos fatais registados de uma doença infecciosa com que Portugal convive de forma endémica desde sempre, a febre escaro-nodular, a conhecida febre da carraça, que normalmente cursa de forma benigna se atempadamente diagnosticada e tratada, mas que nos últimos anos tem por vezes ressurgido com maior gravidade, desencadeando mesmo a morte em surtos preocupantes.

Ou, a nível planetário a imensa preocupação da O.M.S. quando lança a forte suspeita, quase já uma certeza, do contágio entre humanos da epidemia da gripe das aves, resultado das combinações possíveis do vírus da gripe das aves com o da gripe humana, um foco potencial de grave pandemia global.

Depois do SARS, na patogenicidade de um coronavirus, que alarmou o Mundo pela mortalidade e facilidade de disseminação de países em desenvolvimento para países desenvolvidos, causador da desagregação da economia asiática em mais de 40%, de novo o H_5N_1, protegido pelo caldo de cultura em que se transformaram países como a Tailândia, que ainda recentemente recebeu o Congresso Mundial de Sida, e onde senti estar-se perante nova disseminação deste vírus por quase todas as suas províncias.

Era o início de um alarme, que num ápice se transfigurou em preocupante realidade.

Em suma, são as doenças infecciosas como processo cósmico, que o homem teve de defrontar e que felizmente até hoje conseguiu controlar, por vezes a que preço, em milhões de anos de trajecto comum.

São desafios imensos que, no entanto, não se compadecem com facilitismos ou negligências criminosas.

E neste contexto, a globalização, possibilitando à OMS estruturar e implementar estratégias e decisões globais, revela-se de importância capital.

NOTA:
Os corpos directivos da Revista Portuguesa de Doenças Infecciosas expressam o seu agradecimento às empresas da indústria farmacêutica que possibilitaram a renovação desta publicação periódica com mais de duas dezenas de anos, particularmente à GSK, que permitiu a publicação deste número inicial da III série da revista.